

POLICY BRIEF **2017**

*ANOS VIVIDOS E ANOS
REMANESCENTES:
DUAS PERSPETIVAS SOBRE
O ENVELHECIMENTO
DEMOGRÁFICO*

Alda Botelho Azevedo
Pedro Moura Ferreira



1

INTRODUÇÃO

O Instituto do Envelhecimento/Observatório ICS desenvolve a sua atividade de investigação científica num ambiente interdisciplinar de estudos sobre o envelhecimento da população. Neste quadro de atividade, os seus investigadores produzem e monitorizam um conjunto de indicadores com vista ao acompanhamento da evolução demográfica da população residente em Portugal a nível macro, ou seja, das alterações da estrutura etária da população, e a nível micro, ou seja, das características sociodemográficas, das condições de vida e de saúde dos idosos.

Azevedo e Baptista (2014) apresentaram uma perspetiva renovada do envelhecimento demográfico, em Portugal, nos momentos censitários entre 1950 e 2009, com base nos anos vividos e nos anos de vida remanescente. Desde então, os investigadores do Instituto do Envelhecimento/Observatório ICS procuram destacar a importância da perspetiva adotada na leitura do envelhecimento demográfico da população.

Neste contexto, este *Policy Brief* contribui para a reflexão sobre o impacto das alterações na estrutura etária da população residente em Portugal com uma perspetiva demográfica, identificando potenciais desafios que uma população envelhecida poderá colocar, nas próximas décadas, no âmbito das políticas públicas. O texto está organizado em três partes. Primeiramente, começa por demonstrar, com base na análise dos dados da população e mortalidade da *Human Mortality Database*, para Portugal, entre 1940 e 2015, que não há apenas uma única leitura do envelhecimento demográfico, na medida em que esta leitura depende dos indicadores usados ou do modo como estes são contruídos.

Seguidamente, analisa-se a evolução expectável do envelhecimento demográfico recorrendo aos dados das projeções de população do EUROSTAT para Portugal, entre 2015 e 2060. Ambas as análises, seja em relação ao período passado, seja em relação à projeção até à década de 60 deste século, se centram em cinco indicadores fundamentais que caracterizam o envelhecimento demográfico: a) a idade na qual os indivíduos podem esperar viver 15 anos; b) a idade mediana da população; c) a proporção de idosos; d) o índice de dependência de idosos; e) o índice de envelhecimento. Por último, tendo em conta os resultados da análise de dados, desenvolvem-se algumas considerações sobre os potenciais desafios políticos decorrentes do envelhecimento demográfico da população residente em Portugal.



2

PERSPETIVAS DO ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO: A IDADE CRONOLÓGICA E A IDADE PROSPETIVA

IDADE CRONOLÓGICA

NÚMERO DE ANOS QUE UM INDIVÍDUO JÁ VIVEU

IDADE PROSPETIVA

NÚMERO DE ANOS QUE UM INDIVÍDUO PODE AINDA ESPERAR VIVER

Apesar de a população residente em Portugal ser atualmente uma das mais envelhecidas do mundo (United Nations 2017), as projeções de população apontam para um agravamento desta tendência nas próximas décadas, bem como para o declínio da população residente (INE 2017). Todavia, a forma como medimos o envelhecimento depende, em larga medida, da perspetiva adotada relativamente à idade (Sanderson e Scherbov 2008).

Tradicionalmente, os estudos baseiam-se na *idade cronológica*, ou seja, no número de anos que os indivíduos numa determinada população viveram desde o nascimento. Nesta perspetiva, o envelhecimento inicia-se a partir de uma determinada idade, convencionalmente os 65 anos. Porém, esta perspetiva descarta o facto de que o número de anos que uma pessoa de uma

determinada idade pode ainda viver depende, em parte, da coorte em que nasceu. Em resultado da evolução da esperança de vida, pessoas com a mesma idade, nascidas em coortes diferenciadas, podem estar a distâncias distintas da velhice se esta for vista a partir do número de anos que faltam para o fim da vida e não de um patamar etário. Ilustrando: em 1940, os portugueses que celebrassem o seu vigésimo aniversário poderiam ainda esperar viver mais 46,6 anos (figura 1). Quer isto dizer que tinham, até então, vivido sensivelmente um terço das suas vidas. Em 2015, aqueles que completassem o seu vigésimo aniversário poderiam ainda esperar viver mais 61,6 anos, ou seja, tinham vivido, aproximadamente, um quarto das suas vidas. Quer isto dizer que os indivíduos, em 2015, vivem até mais tarde do que viviam os indivíduos em 1940, pelo que, quando completam o seu vigésimo aniversário, estão mais distantes da velhice. Esta perspetiva, ao considerar a velhice a partir do número de anos que faltam para o fim da vida, leva a que esta apareça cada vez mais tarde do ponto de vista da idade cronológica na medida em que o aumento da esperança de vida a empurra para uma fase mais avançada do curso de vida.

FIGURA 1 . ANOS VIVIDOS E ANOS DE VIDA REMANESCENTE, SEXOS REUNIDOS, PORTUGAL, 1940-2015



Fonte: Cálculos dos autores sobre as tábuas completas (transversais), Human Mortality Database, Portugal, 1940-2015

O conceito de *idade prospetiva* vem dar conta deste efeito de coorte porque se baseia nos anos de vida remanescente, ou seja, no número de anos que os indivíduos podem ainda esperar viver. A adoção deste conceito tem a vantagem de permitir a comparação das estruturas etárias de populações diferentes porque estandardiza a mortalidade das coortes que a compõem segundo o padrão observado num determinado ano, o ano de referência.¹ Deste modo, o envelhecimento aparece delimitado segundo o tempo de vida remanescente, permitindo definir um momento de entrada na velhice alternativo aos 65 anos considerados geralmente nos países desenvolvidos. Não sendo um debate recente nem inteiramente consensual, nesta análise assumimos que os indivíduos entram na velhice quando têm 15 anos de vida remanescente (Sanderson e Scherbov 2008).

IDADE NA QUAL OS INDIVÍDUOS PODEM ESPERAR VIVER 15 ANOS, PORTUGAL, 1940-2015

Em Portugal, entre 1940 e 2015, verificam-se ganhos progressivos na idade na qual os indivíduos (em média) podem esperar viver mais 15 anos. Cumulativamente, esses ganhos, entre as duas datas em causa, traduzem-se num acréscimo de 10,6 anos, ou seja, de 60,5 anos passou para 71,1 anos (figura 2).

A figura 2 ilustra ainda que só entre 1979 e 1981 ter 65 anos vividos corresponde exatamente a poder esperar viver 15 anos adicionais. Deste modo, definir a idade de entrada na velhice com base nestes anos de vida remanescente implica reconhecer o desajustamento do marco dos 65 anos de idade. Até 1979, o patamar dos 65 anos é tardio, ou seja, a velhice dura em média menos de 15 anos; mas, a partir de 1981, esse mesmo patamar torna-se prematuro, ou seja, os anos remanescentes são superiores a 15 (duração da velhice de acordo com a definição adotada).

¹ Os resultados aqui apresentados utilizam 2015 como ano de referência por: a) ser um ano sem registo de uma mortalidade atípica; b) ser um ano representativo dos padrões de mortalidade atuais; e c) ser o ano disponível nos dois períodos em análise, 1940-2015 e 2015-2060. Não obstante, tendo em conta a natureza dos dados (observados *versus* projeções) qualquer interpretação dos resultados deve sempre considerar isoladamente os dois períodos.

IDADE MEDIANA, PORTUGAL, 1940-2015

IDADE MEDIANA

É A IDADE EXATA QUE DIVIDE UMA DETERMINADA POPULAÇÃO, NUM DADO PERÍODO, EM DUAS METADES IGUAIS, OU SEJA, METADE DA POPULAÇÃO É MAIS JOVEM DO QUE MEDIANA E A OUTRA METADE É MAIS VELHA

A idade mediana da população residente em Portugal, entre 1940 e 2015, regista um crescimento de 18,7 anos para ambos os sexos, passando de 24,8 para 43,5 anos (figura 3). Ou seja, no início do período, a população residente em Portugal era bastante jovem, metade tinha menos de 24,8 anos. No fim do período, a idade que divide a população em duas metades de igual dimensão é de 43,5 anos, evidenciando uma população já bastante envelhecida.

Atentando na idade mediana prospetiva da população no mesmo período, verifica-se um crescimento discreto de apenas 4,2 anos, ou seja, passou-se de 39,3 para 43,5 anos. Apesar de este acréscimo reforçar a perceção de que, entre 1940 e 2015, a população residente em Portugal envelheceu, considerando o tempo de vida remanescente, observa-se um ritmo de envelhecimento bastante mais moderado, quase cinco vezes menor.

PROPORÇÃO DE IDOSOS, PORTUGAL, 1940-2015

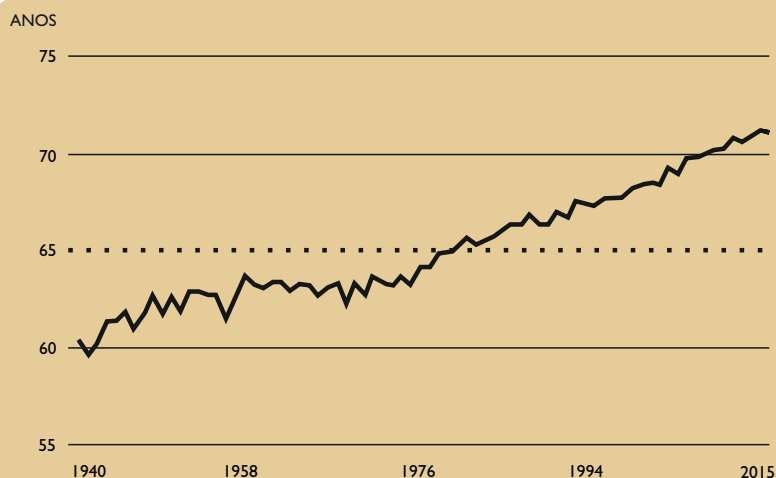
PROPORÇÃO DE IDOSOS

É A PROPORÇÃO DE PESSOAS COM IDADE IGUAL OU SUPERIOR A UM DETERMINADO LIMITE ETÁRIO NA POPULAÇÃO TOTAL, NUM DADO PERÍODO

Relativamente à evolução da proporção de indivíduos com 65 e mais anos vividos, em Portugal, entre 1940 e 2015, observa-se um crescimento relativamente constante de 6,4% no período inicial para 20,3% no período final, isto é, um acréscimo de 215% ao longo do período (figura 4). Por sua vez, a proporção de indivíduos com 15 anos ou menos de vida remanescente aumentou muito menos (45,6%), de 9,3% para 13,5%. Nesse sentido, o peso relativo da população idosa na população total é bastante menor quando medido em termos de anos de vida remanescente do que quando avaliado segundo os anos de vida vividos.

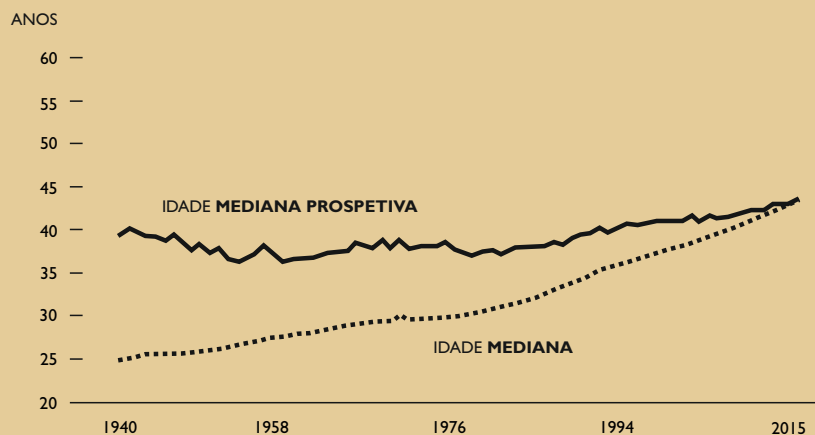
**FIGURA 2 . IDADE NA QUAL OS INDIVÍDUOS
PODEM ESPERAR VIVER 15 ANOS, SEXOS
UNIDOS, PORTUGAL, 1940-2015**

Fonte: Cálculos dos autores sobre as tábuas
completas (transversais), Human Mortality
Database, Portugal, 1940-2015



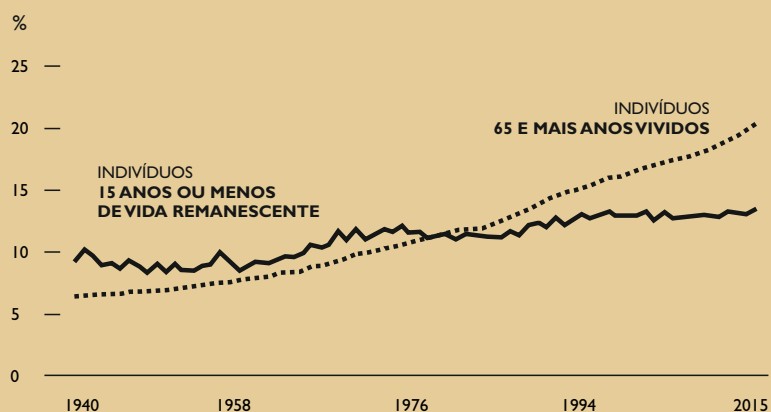
**FIGURA 3 . IDADE MEDIANA E IDADE
MEDIANA PROSPETIVA, SEXOS UNIDOS,
PORTUGAL, 1940-2015**

Fonte: Tábuas completas (transversais), Human
Mortality Database, Portugal, 1940-2015



**FIGURA 4 . PROPORÇÃO DE INDIVÍDUOS
COM 65 E MAIS ANOS VIVIDOS E
PROPORÇÃO DE INDIVÍDUOS COM 15 ANOS
OU MENOS DEVIDA REMANESCENTE (%),
SEXOS REUNIDOS, PORTUGAL, 1940-2015**

Fonte: Cálculos dos autores sobre as tábuas
completas (transversais), Human Mortality
Database, Portugal, 1940-2015



ÍNDICE DE DEPENDÊNCIA DE IDOSOS, PORTUGAL, 1940-2015

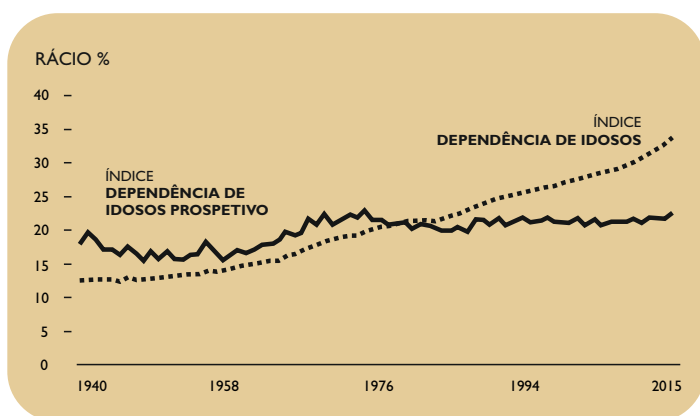
ÍNDICE DE DEPENDÊNCIA DE IDOSOS

É O RÁCIO ENTRE AS PESSOAS COM IDADE IGUAL OU SUPERIOR A UM DETERMINADO LIMITE ETÁRIO E A POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA, AQUI DEFINIDA COMO SENDO A POPULAÇÃO COM IDADE INFERIOR A 20 ANOS, NUM DADO PERÍODO

O índice de dependência de idosos, na sua versão cronológica, dá conta de 13 indivíduos com 65 e mais anos por cada 100 indivíduos entre os 20 e os 64 anos, em Portugal, em 1940 (figura 5).² Em 2015, 75 anos mais tarde, residiam em Portugal 34 idosos por cada 100 potenciais ativos.

O índice de dependência de idosos prospetivo assinala uma evolução de 18 indivíduos, que poderiam ainda esperar viver 15 anos ou menos por cada 100 indivíduos em idade ativa, em 1940, para 22 idosos por cada 100 indivíduos em idade ativa, em 2015. Isto significa que a perspetiva prospetiva sugere uma relativa estabilidade na relação destes dois grupos funcionais da população, os adultos e os idosos, em Portugal, entre 1940 e 2015, ao contrário da perspetiva cronológica que regista uma variação de 61,8% no período em causa.

FIGURA 5 . ÍNDICE DE DEPENDÊNCIA DE IDOSOS E ÍNDICE PROSPETIVO DE DEPENDÊNCIA DE IDOSOS, POR 100 INDIVÍDUOS ENTRE OS 20 E OS 64 ANOS SEXOS REUNIDOS, PORTUGAL, 1940-2015



Fonte: Cálculos dos autores sobre as tábuas completas (transversais), Human Mortality Database, Portugal, 1940-2015

² Nesta análise, consideram-se os indivíduos com idade inferior a 20 anos como população jovem e os indivíduos entre os 20 e os 64 anos como constituindo a população em idade ativa, por esta distribuição refletir melhor os progressos na escolarização da população verificados nas últimas décadas, em Portugal.

ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO, PORTUGAL, 1940-2015

ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO

É O RÁCIO ENTRE AS PESSOAS COM IDADE IGUAL OU SUPERIOR A UM DETERMINADO LIMITE ETÁRIO E A POPULAÇÃO JOVEM, AQUI DEFINIDA COMO SENDO A POPULAÇÃO COM IDADE INFERIOR A 20 ANOS, NUM DADO PERÍODO

Por último, apresenta-se o índice de envelhecimento, que difere do índice de dependência de idosos na população, na medida em que este último utiliza como denominador do rácio a população jovem, enquanto o outro usa a população em idade ativa.

Em 1940, residiam 15 indivíduos com 65 e mais anos por cada 100 jovens com idade inferior a 20 anos. A estrutura etária da população desenhava uma pirâmide jovem, de base larga e topo estreito. Em 2015, esse valor era quase sete vezes maior, 103 idosos por cada 100 jovens. Significa isto que, em Portugal, o peso da população jovem e idosa na população era bastante semelhante em 2015.

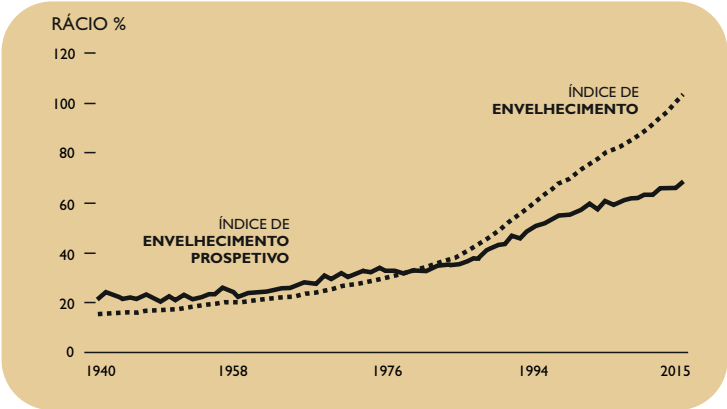
O índice de envelhecimento prospetivo, em 1940, contabilizava 18 indivíduos com 15 anos ou menos de vida remanescente por cada 100 jovens, um ponto de partida bastante semelhante ao do índice de envelhecimento cronológico. Contudo, no final do período em análise, 2015, o índice de envelhecimento prospetivo dá conta de 69 idosos por cada 100 jovens, mostrando que, de acordo com a perspetiva prospetiva, o peso dos idosos se mantém consideravelmente inferior ao dos jovens ao longo do período 1940-2015.

A análise das alterações na estrutura etária da população residente em Portugal, entre 1940 e 2015, segundo a perspetiva cronológica e a prospetiva, permite-nos desde já avançar com duas considerações:

- a) não é indiferente a forma como medimos o envelhecimento demográfico;
- b) de acordo com a perspetiva prospetiva, a população portuguesa envelheceu mais devagar e menos do que poderíamos pensar a partir dos indicadores baseados na idade cronológica.

Terminada a análise relativamente ao passado, importa agora antever os números que ambas as perspetivas proporcionam em relação à evolução possível da estrutura etária da população residente em Portugal.

FIGURA 6 . ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO E ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO PROSPETIVO, POR 100 INDIVÍDUOS ENTRE OS 0 E OS 19 ANOS SEXOS REUNIDOS, PORTUGAL, 1940-2015



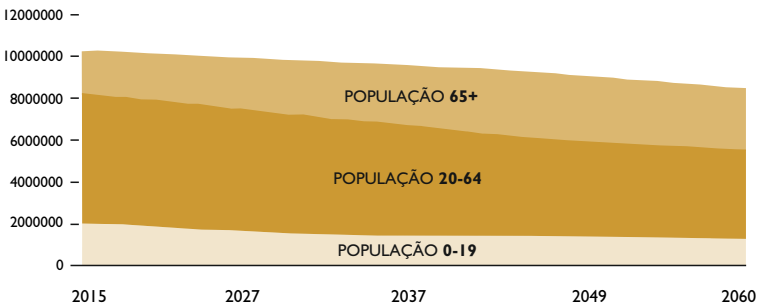
Fonte: Cálculos dos autores sobre as tábuas completas (transversais), Human Mortality Database, Portugal, 1940-2015

QUADRO 1 . CENÁRIOS DE FECUNDIDADE, MORTALIDADE E MIGRAÇÕES

ANOS	ÍNDICE SINTÉTICO DE FECUNDIDADE	ESPERANÇA DEVIDA NO NASCIMENTO		MIGRAÇÕES
		HOMENS	MULHERES	
2015	1.3	77.8	84.1	-10495
2020	1.3	78.9	84.9	2427
2025	1.3	79.7	85.5	8726
2030	1.3	80.5	86.1	12804
2035	1.4	81.3	86.7	15524
2040	1.4	82.0	87.3	18247
2045	1.4	82.7	87.9	17246
2050	1.5	83.4	88.4	15796
2055	1.5	84.0	88.9	15016
2060	1.5	84.7	89.4	14601

Fonte: EUROSTAT, Projeções de população ao nível nacional, cenário central (proj_15n)

FIGURA 7 . POPULAÇÃO TOTAL, PORTUGAL, 2015-2060, CENÁRIO CENTRAL



Fonte: EUROSTAT, Projeções de população ao nível nacional (proj_15n)

3

O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO, PORTUGAL, 2015-2060

No sentido de delinear a evolução expectável do envelhecimento da população residente em Portugal, a análise anterior foi replicada com os dados do cenário central das projeções de população do EUROSTAT (EUROPOP2015), por sexo, entre 2015 e 2060. O quadro 1 sintetiza os pressupostos assumidos no cenário central relativos à evolução da fecundidade, da mortalidade e das migrações que reproduzem no tempo as tendências verificadas ao longo das últimas décadas, em Portugal. Assim, o cenário central assume, relativamente à fecundidade, uma tendência de ligeiro crescimento do índice sintético de fecundidade, de 1,3 para 1,5 filhos por mulher, muito abaixo do limiar de substituição das gerações (2,1 filhos por mulher); no que respeita à esperança de vida no nascimento, sustenta que continuará a aumentar, mantendo-se a diferença entre homens e mulheres que caracteriza grande parte dos países europeus; postula ainda, em relação aos saldos migratórios, uma tendência de crescimento até sensivelmente 2040 e, daí em diante, uma relativa estabilização.

Assumindo que se verificam os pressupostos do cenário central do EUROSTAT relativos à fecundidade, à mortalidade e às migrações, entre 2015 e 2060, Portugal perderá 17,6% da sua população residente (figura 7). Esta diminuição refletir-se-á sobretudo nos jovens, com uma quebra de 35%, e nos adultos, 31,9%. O grupo dos idosos irá crescer 41,8%. Esta alteração da configuração etária da população residente em Portugal conduz inevitavelmente a uma maior pressão demográfica sobre a população em idade ativa.

IDADE NA QUAL OS INDIVÍDUOS PODEM ESPERAR VIVER 15 ANOS, PORTUGAL, 2015-2060

Em Portugal, entre 2015 e 2060, é expectável que a idade na qual os indivíduos podem esperar viver mais 15 anos continue a aumentar (figura 8). Salienta-se a diferença entre homens e mulheres, em média de 3,5 anos, favorável às mulheres. Apesar desta diferença, a idade de entrada na velhice para os homens aumenta 5 anos, de 68,9 anos, em 2015, para 73,9 anos, em 2060, enquanto nas mulheres se espera um aumento um pouco menos acentuado de 4,3 anos, passando de 72,8 anos, em 2015, para 77,1 anos, em 2060.³ Esta desaceleração do ritmo de crescimento feminino está relacionada com o facto de o ponto de partida assentar numa idade mais avançada (72,2 anos), a qual deverá apenas ser atingida em 2048 pelos homens, caso se verifiquem os pressupostos de fecundidade, mortalidade e migrações definidos no cenário central do EUROSTAT. Por último, o desfasamento dos 65 anos como patamar da senioridade mencionado anteriormente a propósito da evolução da idade na qual os indivíduos podem esperar viver 15 anos, em Portugal, entre 1940 e 2015, é confirmado pelos dados que resultam das projeções demográficas que temos vindo a referir (figura 8). De acordo com esses dados, os indivíduos aos 65 anos terão uma esperança de vida bastante acima do número de anos que temos considerado como referência.

IDADE MEDIANA, PORTUGAL, 2015-2060

A figura 9 mostra que, em Portugal, entre 2015 e 2060, a idade cronológica que divide a população masculina em duas metades de dimensão igual, uma mais velha e a outra mais nova, poderá subir de 41,9 anos para 51,2 anos (9,3 anos). Na população feminina, é expectável que o crescimento seja ligeiramente superior, de 45 anos para 55,4 anos, correspondente a um acréscimo de 10,4 anos.

³ De referir que, de acordo com o cenário central do EUROSTAT, em 2060, os homens que completarem o seu sexagésimo quinto aniversário poderão ainda esperar viver 22,4 anos, e as mulheres, 25,9 anos. De salientar também que a esperança de vida em determinada idade é o número médio de anos que os sobreviventes a essa idade podem esperar viver. Assim, por exemplo, uma taxa de mortalidade infantil alta reflete-se numa esperança de vida no nascimento mais baixa do que a esperança de vida dos que completam o primeiro aniversário.

Considerando a perspetiva de vida remanescente, a idade mediana, nos homens, aumentará de 41,9 anos para 44,5 anos (2,6 anos) e, nas mulheres, de 45 anos para 50,4 anos (5,4 anos). Assim, com base em ambas as perspetivas, cronológica e prospetiva, é expectável que o ritmo de evolução da idade mediana abrande, sobretudo de 2040 em diante.

Não obstante, é de salientar que, enquanto a tendência da idade mediana medida cronologicamente, revela incrementos progressivos ao longo do período 2015-2060, a idade mediana prospetiva aponta para um crescimento até atingir um pico em 2036 no caso dos homens, e em 2042 no caso das mulheres, sendo expectável após essas datas um ligeiro recuo até 2060, mais significativo na idade mediana prospetiva das mulheres.

PROPORÇÃO DE IDOSOS, PORTUGAL, 2015-2060

A figura 10 apresenta a proporção de idosos na população residente em Portugal, entre 2015 e 2060, segundo a perspetiva cronológica e prospetiva. A primeira assinala um aumento da proporção de indivíduos com 65 e mais anos do sexo masculino de 17,8% para 31,5%, a que corresponde uma variação de 77,3%. Nas mulheres, no mesmo período, esse acréscimo é de 22,6% para 38,1%, sendo a variação de 68,6%.

A perspetiva prospetiva salienta um crescimento de 53,1% durante o mesmo período, passando a proporção de homens com 15 anos ou menos de vida remanescente de 13,5% para 20,7%. Nas mulheres, o crescimento é superior (66,1%), apontando para o reforço do seu peso demográfico na população, de 13,9% para 23,1%.

Em virtude dos conceitos de idade adotados no cálculo da proporção de idosos na população, verifica-se que a diferença entre homens e mulheres é muito menos marcada na proporção de indivíduos com 15 anos ou menos de vida remanescente. Isto porque a comparação entre homens e mulheres a partir da vida remanescente, que assenta numa medida standardizada (a idade prospetiva), anula o efeito da desvantagem masculina na esperança de vida, permitindo comparar populações com padrões de mortalidade distintos.

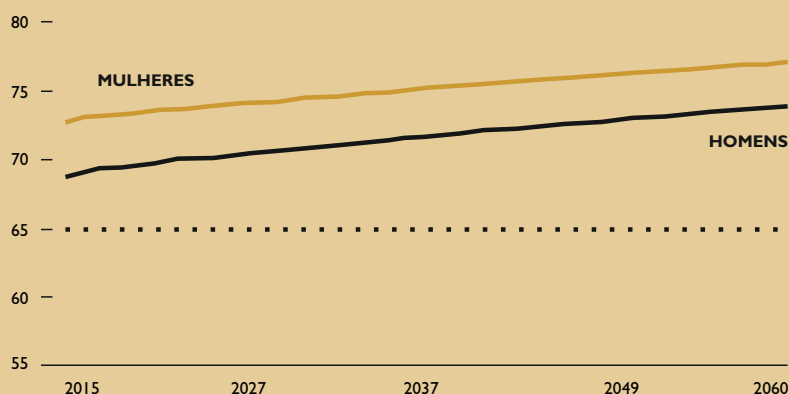


FIGURA 8 . IDADE NA QUAL OS INDIVÍDUOS PODEM ESPERAR VIVER 15 ANOS, POR SEXO, PORTUGAL, 2015-2060

Fonte: Cálculos dos autores sobre as tábuas completas (transversais), EUROSTAT, Portugal, 2015-2060

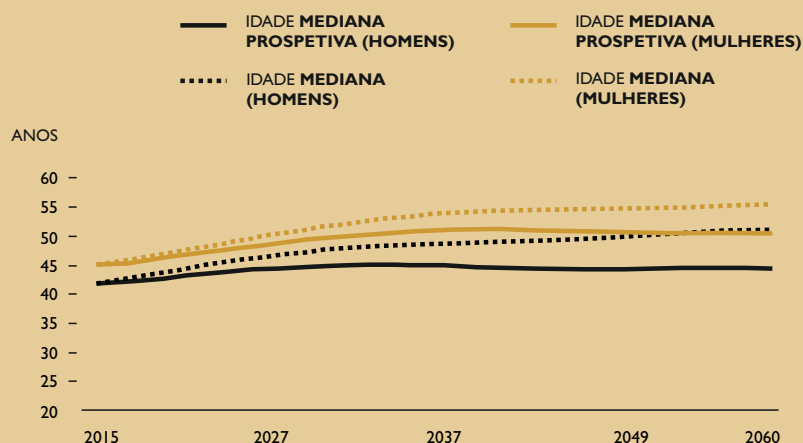


FIGURA 9 . IDADE MEDIANA E IDADE MEDIANA PROSPETIVA, POR SEXO, PORTUGAL, 2015-2060

Fonte: Cálculos dos autores sobre as tábuas completas (transversais), EUROSTAT, Portugal, 2015-2060

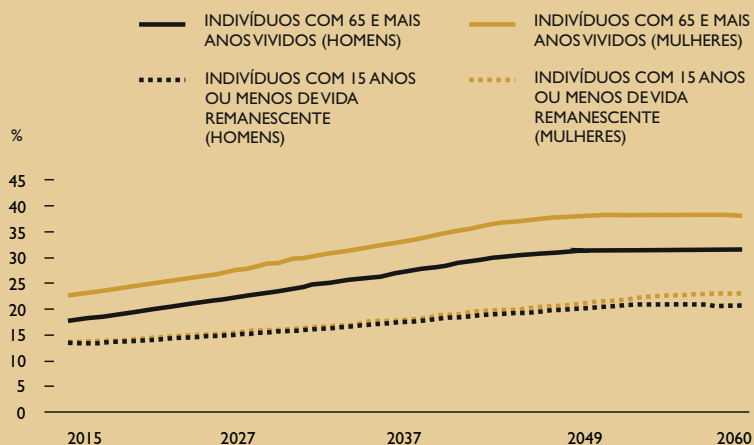


FIGURA 10 . PROPORÇÃO DE INDIVÍDUOS COM 65 E MAIS ANOS VIVIDOS E PROPORÇÃO DE INDIVÍDUOS COM 15 ANOS OU MENOS DEVIDA REMANESCENTE (%), POR SEXO, PORTUGAL, 2015-2060

Fonte: Cálculos dos autores sobre as tábuas completas (transversais), EUROSTAT, Portugal, 2015-2060

ÍNDICE DE DEPENDÊNCIA DE IDOSOS, PORTUGAL, 2015-2060

Em Portugal, entre 2015 e 2060, espera-se que o índice de dependência de idosos entre a população masculina cresça de 29 indivíduos com 65 e mais anos por cada 100 indivíduos em idade ativa para 61, correspondendo a uma variação de 108,5%. No caso da população feminina, esse crescimento é de 38 idosas por cada 100 mulheres em idade ativa para 80, ou seja, uma variação de 110,2% (figura 11).

Quanto ao índice de dependência de idosos prospetivo, projeta-se que de 22 homens com 15 anos ou menos de vida remanescente por cada 100 potencialmente ativos, em 2015, se passe a 40 homens, em 2060, o que equivale a um crescimento de 80,1%. Nas mulheres, a evolução expectável é de 23 idosas com 15 anos ou menos de vida remanescente por cada 100 potencialmente ativas, para 49 idosas, em 2060, observando-se assim um crescimento de 107,1%.

Deste modo, a verificar-se o cenário central das projeções de população do EUROSTAT, ocorrerá um agravamento considerável da pressão demográfica do grupo dos idosos sobre o grupo dos adultos.

ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO, PORTUGAL, 2015-2060

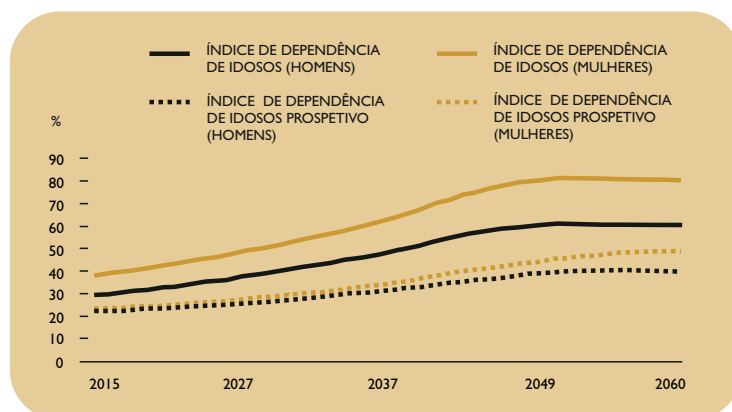
Segundo a perspetiva cronológica, as projeções de população residente para Portugal registavam, em 2015, 84 homens e 123 mulheres com 65 e mais anos por cada 100 rapazes e 100 raparigas com idade inferior a 20 anos, respetivamente. É provável que esse número suba para 189 homens e 263 mulheres por cada 100 rapazes e 100 raparigas, em 2060, o que representa um aumento de 126,3% para o sexo masculino e de 112,8% para o sexo feminino.

Segundo o índice de envelhecimento prospetivo, em 2015, contabilizam-se 64 idosos com 15 anos ou menos de vida de vida remanescente e 76 idosas por cada 100 rapazes e 100 raparigas com idade inferior a 20 anos, respetivamente. Em 2060, espera-se que residam em Portugal 124 idosos e 159 idosas, por cada 100 jovens de cada sexo, o que traduz um crescimento de 95,4% entre os homens e de 109,7% entre as mulheres.

Assim, apesar de o índice de envelhecimento prospetivo evidenciar um ritmo menos acentuado de crescimento e uma proporção de idosos menos elevada do que o índice de envelhecimento cronológico, é incontornável que a população portuguesa continuará a envelhecer.

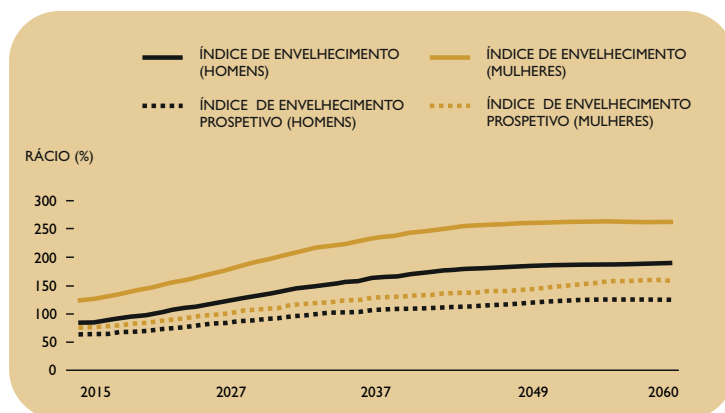
A evolução expectável da população residente em Portugal, entre 2015 e 2060, segundo a idade cronológica e a idade prospetiva, revela que os efeitos do processo de envelhecimento demográfico em curso irão acentuar-se de 2015 até, sensivelmente, 2040. Entre 2040 e 2060, as projeções do EUROSTAT contemplam uma relativa estabilização da estrutura etária da população portuguesa. Contudo, esta estabilização ocorre num período em que a pressão entre grupos populacionais, ou seja, a relação entre, por um lado, idosos e adultos e, por outro, entre idosos e jovens, é já bastante acentuada, o que não deixará de colocar novos desafios políticos e sociais.

FIGURA 11 . ÍNDICE DE DEPENDÊNCIA DE IDOSOS E ÍNDICE DE DEPENDÊNCIA DE IDOSOS PROSPETIVO, POR 100 INDIVÍDUOS ENTRE OS 20 E OS 64 ANOS, PORTUGAL, 2015-2060



Fonte: Cálculos dos autores sobre as tábuas completas (transversais), EUROSTAT, Portugal, 2015-2060

FIGURA 12 . ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO E ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO PROSPETIVO, POR 100 INDIVÍDUOS ENTRE OS 0 E OS 19 ANOS SEXOS REUNIDOS, PORTUGAL, 2015-2060



Fonte: Cálculos dos autores sobre as tábuas completas (transversais), EUROSTAT, Portugal, 2015-2060

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizada a análise de indicadores convencionalmente usados no estudo do envelhecimento demográfico, baseados na idade cronológica, e de indicadores alternativos, baseados na idade prospetiva, importa agora chamar a atenção para algumas implicações que decorrem destas perspetivas demográficas para as políticas públicas, na medida em que são estas que determinam, em larga medida, o ciclo de vida tripartido entre juventude, adultez e velhice em áreas como a educação, o trabalho ou a reforma, entre outras.

1

Em primeiro lugar, julgamos ter demonstrado que não existe uma interpretação unívoca do envelhecimento da população. As interpretações baseadas exclusivamente na idade cronológica têm limitações porque negligenciam a evolução da própria esperança de vida. A articulação entre as perspetivas da idade cronológica e da idade prospetiva proporciona uma visão mais ampla e aprofundada de como a população residente em Portugal tem envelhecido, de como poderá vir a envelhecer, e quais as potenciais implicações. Desta forma, os indicadores prospetivos dão conta de um processo de envelhecimento demográfico mais lento e com um impacto menos acentuado na relação entre os grupos funcionais da população do que se poderia pensar a partir da perspetiva cronológica, pelo que faz todo o sentido integrar os anos de vida remanescente na discussão política em torno do envelhecimento da população.

2

Em segundo lugar, julgamos ter sinalizado a importância de rever o momento de entrada na velhice e integrá-lo no quadro das políticas públicas. Como referimos, a entrada na velhice é um processo dinâmico, não uma idade fixa, ou seja, é uma idade que avança à medida que a esperança de vida aumenta. O limite estático dos 65 anos, comumente utilizado nos países desenvolvidos, não é um limite adequado para determinar a entrada na velhice. Do ponto de vista dos anos de vida remanescente, é um patamar desajustado. Por conseguinte, em vez de um tempo único de transição da atividade para a inatividade, é importante incentivar processos de transição flexíveis, proporcionando a possibilidade de redução progressiva do tempo de trabalho ou a adaptação das funções laborais às limitações decorrentes do próprio processo de envelhecimento.

3

Em Portugal, a partir de 2014, a idade normal de acesso à pensão de velhice passou a ser atualizada anualmente de acordo com a esperança de vida para ambos os sexos, publicada pelo Instituto Nacional de Estatística, IP. Esta medida marcou a transição de sistema de pensões baseado na idade cronológica para um sistema que integra a relação entre atividade e anos de vida remanescente. Contudo, o cenário provável de agravamento do envelhecimento da população portuguesa permite antecipar um possível aumento da heterogeneidade nas condições de saúde da população idosa, o que, por sua vez, remete para a importância e a necessidade de considerar também os anos remanescentes de vida saudável nas políticas relativas ao trabalho e às pensões.

4

Por último, resta referir que a análise realizada não esgota toda a informação que os indicadores usados encerram. Portugal tem importantes assimetrias regionais, pelo que as diferenças na mortalidade, no estado de saúde das populações e nas próprias narrativas demográficas das regiões contribuem para processos de envelhecimento com contornos específicos e, eventualmente, distintos dos que a análise a nível nacional proporciona. Nesse sentido, seria muito interessante complementar a presente análise com um nível mais detalhado de desagregação, possibilitado pela crescente disponibilidade e acessibilidade de dados relativos às projeções da população residente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Azevedo A. B., e Baptista, I. M. (2014). «A Mortalidade em Portugal, 1950-2011». In M.L. Bandeira (org.). *Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento da População Portuguesa (1950-2011): evolução e perspectivas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 227- 402.

EUROSTAT. Assumptions for life expectancy by age, sex and type of projection (proj_15nalexp). Disponível em: http://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/show.do?dataset=proj_15naasmr&lang=en em 13 Novembro 2017.

EUROSTAT. Assumptions for mortality rates by age, sex and type of projection (proj_15naasmr). Disponível em: http://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/show.do?dataset=proj_15naasmr&lang=en em 13 Novembro 2017.

EUROSTAT. Population on 1st January by age, sex and type of projection (proj_15npms). Disponível em: http://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/show.do?dataset=proj_15naasmr&lang=en em 13 Novembro 2017.

Human Mortality Database. University of California, Berkeley (EUA) e Max Planck Institute for Demographic Research (Alemanha). Disponível em: www.mortality.org em 30 Outubro 2017.

INE (2017). Projeções da População Residente em Portugal. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=277695839&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt em 21 Novembro 2017.

Sanderson, W., e Scherbov, S. (2008). «Rethinking Age and Aging». *Population Bulletin*, 63(4), 1-16.

United Nations (2017). *World Population Prospects. The 2017 Revision. Key Findings and Advance Tables*. Department of Economic and Social Affairs, Population Division. Nova York: United Nations.

Instituto do Envelhecimento / Observatório ICS

O Instituto do Envelhecimento / Observatório ICS é um programa de investigação e de promoção pública da problemática do envelhecimento sociodemográfico em Portugal, que herda e prolonga a atividade e os objetivos do Instituto do Envelhecimento da Universidade de Lisboa - criado por iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) em 2010, que financiou o seu lançamento como unidade de investigação da Universidade de Lisboa.

Tem por objetivo primordial a investigação científica no quadro interdisciplinar das ciências sociais e das ciências da saúde, tendo também interesse no desenvolvimento de estudos de avaliação das políticas públicas relacionadas com o envelhecimento da população.

Adicionalmente, o Instituto do Envelhecimento / Observatório do ICS visa incentivar a formação científica em estudos sobre o envelhecimento, designadamente ao nível da pós-graduação, bem como a promoção e a organização de atividades de comunicação científica e de abertura à sociedade.

Saiba mais em

www.ienvelhecimento.ulisboa.pt

Edição . Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa - Dezembro 2017
ISBN . 978-972-671-480-4